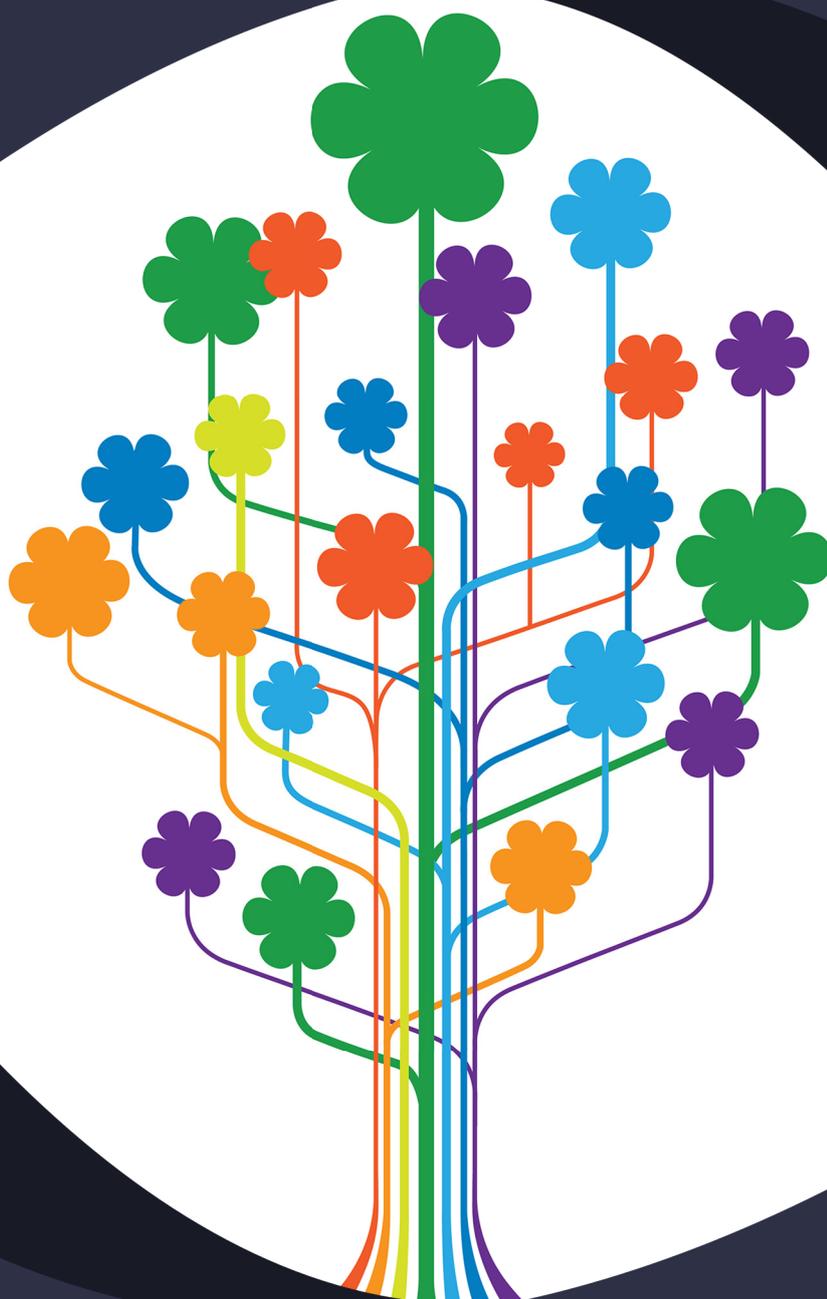


Políticas Públicas na Educação Brasileira: Caminhos para a Inclusão 2

Michéle Barreto Justus
(Organizadora)



Atena
Editora

Ano 2019

Michéle Barreto Justus
(Organizadora)

Políticas Públicas na Educação Brasileira:
Caminhos para a Inclusão 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Faria – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
P769	Políticas públicas na educação brasileira [recurso eletrônico] : caminhos para a inclusão 2 / Organizadora Michéle Barreto Justus. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Políticas Públicas na Educação Brasileira. Caminhos para a Inclusão; v. 2) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-724-6 DOI 10.22533/at.ed.246191710 1. Educação e Estado – Brasil. 2. Educação – Aspectos sociais. 3. Educação inclusiva. I. Justus, Michéle Barreto. II. Série. CDD 379.81
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Entender o que é a Educação Especial e como ela é fundamental para o desempenho dos alunos com necessidades especiais é decisivo para mudar os rumos da educação como um todo, visto que a Educação Especial é uma realidade nas mais diversas escolas.

Frente a esse desafio, colocado aos docentes que atuam em todos os níveis e à toda a comunidade escolar, o e-book intitulado “Políticas Públicas na Educação Brasileira: caminhos para a inclusão - 2” traz contribuições para leitores que se interessem por conhecer alternativas, experiências e relatos de quem se dedica ao estudo do tema.

Esta obra se organiza em 4 eixos: *inclusão e educação especial, educação especial e legislação, estudos culturais e inclusão social e o uso da tecnologia para educação especial.*

O primeiro eixo aborda estudos sobre os desafios e reflexões onde Educação Especial perpassa enquanto uma modalidade de ensino; e apresenta artigos que envolvem estudos sobre pessoas com surdez, superdotação ou altas habilidades e deficiência visual, além de artigos sobre o ensino na Educação Básica, Ensino Superior e gestão e inclusão.

No segundo eixo, os textos versam sobre a análise de alguns documentos oficiais acerca da Educação Especial e seus reflexos no cotidiano das escolas.

No terceiro, traz artigos que abordam temas sobre a educação e seu valor enquanto instrumento para a inclusão social; e por fim, aborda o uso das tecnologias na melhoria das estratégias de ensino na Educação Especial.

Certamente, a leitura e a análise desses trabalhos possibilitam o conhecimento de diferentes caminhos percorridos na Educação Especial, e favorecem a ideia de que é possível ter uma educação diferenciada e de qualidade para todos.

Michéle Barreto Justus

SUMÁRIO

I. INCLUSÃO E EDUCAÇÃO ESPECIAL

Desafios e reflexões

CAPÍTULO 1 1

A CULTURA POPULAR COMO FERRAMENTA METODOLÓGICA PARA A INCLUSÃO EDUCACIONAL

Samantha Camacam de Moraes

Verônica Catharin

Lúcia Pereira Leite

DOI 10.22533/at.ed.2461917101

CAPÍTULO 2 14

OS DESAFIOS ENFRENTADOS POR CRIANÇAS AUTISTAS E SEUS PAIS: UM PANORAMA DA NECESSIDADE DA INCLUSÃO ESCOLAR

André Luiz Alvarenga de Souza

DOI 10.22533/at.ed.2461917102

CAPÍTULO 3 32

O PROCESSO DE INCLUSÃO DO ALUNO AUTISTA: DESAFIOS À PRÁTICA DOCENTE

Raimunda Fernandes da Silva Souza

Rozineide Iraci Pereira da Silva

Nair Alves dos Santos Silva

DOI 10.22533/at.ed.2461917103

CAPÍTULO 4 42

O TRADUTOR INTÉRPRETE DE LIBRAS EDUCACIONAL: REFLEXÕES A PARTIR DE DIFERENTES FIGURAÇÕES ESCOLARES

Keli Simões Xavier Silva

Euluze Rodrigues da Costa Junior

DOI 10.22533/at.ed.2461917104

Surdez

CAPÍTULO 5 53

A EDUCAÇÃO DOS SURDOS

Júlia Martins Bárbara Rodrigues

Cintia Resende Correa

DOI 10.22533/at.ed.2461917105

CAPÍTULO 6 61

BIBLIOTECA INCLUSIVA: MEDIAÇÃO COM O USUÁRIO SURDO

Bruna Isabelle Medeiros de Moraes

Laís Emanuely Albuquerque Dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.2461917106

Superdotação/altas habilidades

CAPÍTULO 7 69

A ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO ESCOLAR EDUCACIONAL FRENTE AOS ALUNOS COM ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO

Elivelton Cardoso Viera
Camila Siqueira Cronemberger Freitas
Carolina Martins Moraes

DOI 10.22533/at.ed.2461917107

CAPÍTULO 8 80

ALTAS HABILIDADES: AS METODOLOGIAS NO ENSINO NAAHS

Maria Luzia dos Santos Moreira

DOI 10.22533/at.ed.2461917108

Deficiência Visual

CAPÍTULO 9 93

BIOLOGIA INCLUSIVA: DESENVOLVIMENTO DE MATERIAIS DIDÁTICOS PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL

Andressa Antônio de Oliveira
Karina Carvalho Mancini

DOI 10.22533/at.ed.2461917109

CAPÍTULO 10 100

O USO DO SOROBAN NO ENSINO DE MATEMÁTICA PARA A CRIANÇA DEFICIENTE VISUAL

Raffaella de Menezes Lupetina
Marta Maria Donola Victorio
Margareth Oliveira Olegário

DOI 10.22533/at.ed.24619171010

CAPÍTULO 11 111

EM DIREÇÃO ÀS BIBLIOTECAS INCLUSIVAS NO SUPORTE AOS DISCENTES COM DEFICIÊNCIA VISUAL: REFLEXÃO DOCUMENTAL SOBRE OS DIRECIONAMENTOS DO IFPE NO ENSINO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICO

Ada Verônica de Novaes Nunes
Ivanildo José de Melo Filho

DOI 10.22533/at.ed.24619171011

Educação Básica

CAPÍTULO 12	124
LIBRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: DIÁLOGOS NECESSÁRIOS PARA UMA EDUCAÇÃO INCLUSIVA	
André Henrique Furtado Torres	
Eva Alves da Cruz	
Victor Hugo de Oliveira Henrique	
DOI 10.22533/at.ed.24619171012	
CAPÍTULO 13	134
O TRABALHO COLABORATIVO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: RELATO DE EXPERIÊNCIA	
Bruna Rafaela de Batista	
Ana Lídia Penteado Urban	
Luci Pastor Manzoli	
DOI 10.22533/at.ed.24619171013	
CAPÍTULO 14	143
AS FACETAS DA INCLUSÃO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	
Rozineide Iraci Pereira da Silva	
Nair Alves dos Santos Silva	
Maria Aparecida Dantas Bezerra	
Ana Cláudia Xavier Da Silva	
Diógenes José Gusmão Coutinho	
DOI 10.22533/at.ed.24619171014	
CAPÍTULO 15	153
COMO AS SALAS REGULARES RECEBEM E POSSIBILITAM A PERMANÊNCIA DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA EM SEU PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM: UMA VISÃO DOCENTE	
Larisse Lorrane Monteiro Moraes	
Daniela de Jesus Rodrigues de Andrade	
Priscila Lorena Souza Palhano	
Sara Maria Silva de Miranda	
Fernanda Pinheiro Castro	
Bianca Sousa Geber	
João Mailson da Silva Quaresma	
Larissa Cesarina Mota Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.24619171015	
CAPÍTULO 16	163
DESIGN E EDUCAÇÃO INCLUSIVA: UMA BUSCA PELO APERFEIÇOAMENTO DO ENSINO	
Maria Carolina Frohlich Fillmann	
Karen Mello Colpes	
Elisa Bonotto do Couto	
DOI 10.22533/at.ed.24619171016	

CAPÍTULO 17 176

ENSINO DE INGLÊS PARA ALUNOS SURDOS: MATERIAIS DIDÁTICOS E ESTRATÉGIAS DE ENSINO

Monique Vanzo Spasiani

DOI 10.22533/at.ed.24619171017

CAPÍTULO 18 190

ENSINO PARA SURDOS E ESCOLA: REFLEXÕES SOBRE A LIBRAS COMO INSTRUMENTO DE FORMAÇÃO E DE IDENTIDADE

Andréa dos Guimarães de Carvalho

Gilmar Garcia Marcelino

Renata Rodrigues de Oliveira Garcia

DOI 10.22533/at.ed.24619171018

Ensino Superior

CAPÍTULO 19 200

OS DESAFIOS DAS IES NA ADESÃO DOS PROFESSORES À INCLUSÃO ESCOLAR

Aline Gama Cunha Carvalho

Jaylla Fernanda Ferreira de Oliveira Raeli

Vanessa do Amaral Tinoco

DOI 10.22533/at.ed.24619171019

CAPÍTULO 20 205

CONSTRUÇÃO E VALIDAÇÃO DE UM MANUAL DIRECIONADO AOS PROFESSORES DO ENSINO SUPERIOR COMO ESTRATÉGIA DE INCLUSÃO DE ESTUDANTES SURDOS

Jane de Carlos Santana Capelli

Nuccia Nicole Theodoro De Cicco

Julia Barral Dodd Rumjanek

Vivian Mary Barral Dodd Rumjanek

DOI 10.22533/at.ed.24619171020

CAPÍTULO 21 220

DESAFIOS PARA A (RE) INCLUSÃO DISCENTE EM UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR

Karla Rona da Silva

Shirlei Moreira da Costa Faria

Jhonatan Gomes Vieira Frois

Sara Moura Martins

Elizabeth Cristina Pereira Morbeck

Sônia Maria Nunes Viana

DOI 10.22533/at.ed.24619171021

Gestão e Inclusão

CAPÍTULO 22	231
TRABALHO COLABORATIVO NO CONTEXTO DE UMA ESCOLA INCLUSIVA A ARTICULAÇÃO DO GESTOR	
Elizete Varusa Seneda	
Eladio Sebastián-Heredero	
DOI 10.22533/at.ed.24619171022	
SOBRE A ORGANIZADORA	236
ÍNDICE REMISSIVO	237

AS FACETAS DA INCLUSÃO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Rozineide Iraci Pereira da Silva

Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú- UVA. Especialista em Psicopedagogia pela Faculdade Escritor Osman da Costa Lins- FACOL, Mestre em Ciências da Educação pela Universidade Gama Filho-UGF. Doutoranda em Ciências da Educação pela Atenas College University. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6545566162309530>, (neide-silva96@hotmail.com)

Nair Alves dos Santos Silva

Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú- UVA. Especialista em Psicopedagogia pela Faculdade Escritor Osman da Costa Lins- FACOL, Mestre em Ciências da Educação pela Universidade Gama Filho-UGF. Doutoranda em Ciências da Educação pela Atenas College University. E-mail: bnairalves@gmail.com

Maria Aparecida Dantas Bezerra

Doutoranda em Ciências da Educação- Universidade Atenas College University, Mestra em Ciências da Educação Multidisciplinaridade - Universidade Gama Filho, Pesquisadora e Pós-graduada em Psicopedagogia Clínica e Institucional, Educação Especial e Práticas Inclusivas- Faculdade Escritor Osman da Costa Lins – FACOL, Graduada em Pedagogia Pela Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9345912569400432>, (cidaraulinho@hotmail.com)

Ana Cláudia Xavier Da Silva

Graduada em Pedagogia pela UNICAP-PE, Pós-graduada em Administração Escolar na

UFRPE, Mestra em Ciências da Educação pela Universidade Gama Filho-UGF. Doutoranda em Ciências da Educação pela Atenas College University. E-mail: anaxavier15@hotmail.com.

Diógenes José Gusmão Coutinho

Biólogo-UFRPE, Mestre em Biologia-UFPE, Doutor em Biologia-UFPE, Professor do PPG/ Faculdade ALPHA e do Centro Universitário Brasileiro – UNIBRA, Recife-PE-Brasil. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-9230-3409>. E-mail: gusmao.diogenes@gmail.com.

RESUMO: Este artigo refletiu sobre a educação inclusiva, tem como objetivo analisar a democratização de oportunidades educacionais escolares para igualar o direito de todos à educação, com ênfase nos educandos com deficiência. O desafio agora é democratizar esta educação de forma que atenda toda e qualquer diversidade na escola, na sala regular. Porém, ainda há muito a se fazer e algumas barreiras a serem quebradas, tanto no que se refere ao corpo docente como formação profissional e capacitações, a instituição com infraestrutura adequada para atender as especialidades de cada aluno e a maior de todas que move qualquer sistema, e no educacional não é diferente, o preconceito continua sendo visto nas escolas. Que a prática em sala de aula seja vista com um novo olhar, valorizando as diferenças de cada um, respeitando os limites

e as possibilidades de crescimento individual e em grupo de todo cidadão. Nesse sentido, o trabalho fundamentou-se em estudos relevantes da área, destacando as contribuições teóricas de MANTOAN (20015), CARVALHO (2004) e SOUZA (2004). Precisamos rever a própria maneira de ver a educação inclusiva, principalmente no que diz respeito a uma educação globalizada e igualitária para todas as crianças.

PALAVRAS-CHAVE: Inclusão. Educação. Democratização.

ABSTRAT: This article reflected on inclusive education, aims to analyze the democratization of school educational opportunities to match the right of everyone to education, with emphasis on students with disabilities. The challenge now is to democratize this education in a way that meets all and any diversity in the school, in the regular classroom. However, there is still a lot to be done and some barriers to be broken, both with regard to the teaching staff and professional training and skills, the institution with adequate infrastructure to meet the specialties of each student and the largest of all that moves any system, and in the educational is no different, prejudice continues to be seen in schools. Let the practice in the classroom be seen with a new look, valuing the differences of each one, respecting the limits and possibilities of individual and group growth of every citizen. In this sense, the work was based on relevant studies of the area, highlighting the theoretical contributions of MANTOAN (20015), CARVALHO (2004) and SOUZA (2004). We need to review the very way we view inclusive education, especially with regard to a globalized and egalitarian education for all children.

KEYWORDS: Inclusion. Education. Democratization.

1 | INTRODUÇÃO

A inclusão tem sido uma questão bastante discutida pelos que se preocupa com a educação, atualmente, essa temática vêm recebendo atenção especial dos órgãos oficiais, os quais, entretanto, não têm obtido resultados expressivos em suas tentativas de solucionar os problemas da inclusão escolar.

A educação inclusiva assume, a cada ano a perspectiva de atender às crescentes exigências de uma sociedade em processo de renovação e de busca incessante da democracia, que só será alcançada quando todas as pessoas, indiscriminadamente, tiverem acesso à informação, ao conhecimento e aos meios necessários para a formação de sua cidadania porque incluir é inserir ou introduzir o que esta excluída em uma sociedade.

A socialização da pessoa com deficiência na escola, onde ocorre o preconceito, a falta de educadores qualificados e ambiente adequado para o atendimento do aluno com deficiência. De acordo com as condições e as possibilidades dos alunos deficientes, eles terão assegurado o direito de usufruir da escola regular como todo e qualquer cidadão, com plena garantia do seu direito, com o objetivo de promover a acessibilidade em classe de ensino regular para que possa adquirir incentivo à

autonomia e o espírito crítico, criativo e passe a exercer a sua cidadania.

A inclusão precisa ser entendida como espelho na educação da oportunidade que é dada no meio social, já que consiste em oferecer uma oportunidade de desenvolvimento. Com um ensino para todos e de qualidade, as ações educativas se pautam por solidariedade, colaboração e compartilhamento do processo educativo com todos os sujeitos que estão direta ou indiretamente envolvidos.

A escola é o alicerce para esse desenvolvimento, ela se prepara para trabalhar com a diversidade, valorizando todos os indivíduos como seres singulares e capazes de fazer uma sociedade diferente, em que todos tenham direitos e deveres com um único objetivo que é o conhecimento. Para isso, é formado um grupo de profissionais que conta com o apoio de professores de psicologia, psicopedagogos, além de fonoaudiólogos e terapeutas educacionais.

A escola inclusiva busca o apoio do psicopedagogo para auxiliar no enfrentamento da exclusão e na luta pela compreensão da família. A ajuda do psicopedagogo é essencial para que a inclusão escolar aconteça com qualidade e responsabilidade. Com o objetivo de refletir sobre o processo da inclusão escolar no meio social.

A discussão deste tema torna-se relevante porque o trabalho do psicopedagogo a favor da formação dos professores, assim como a relação à família e a comunidade são fundamentais para que a educação seja inclusiva de fato. A partir deste debate, espera-se contribuir para uma educação acessível a todas as pessoas e com isso, atender as exigências de uma sociedade que vem combatendo preconceito, discriminação e uma reflexão para um novo olhar sobre a diferença sem perder a dimensão da igualdade na inclusão dos indivíduos.

2 | DESENVOLVIMENTO

2.1 Conceitos da Educação Inclusiva

A inclusão é uma abordagem humanística, democrática, que percebe o sujeito e suas singularidades, para que ocorra o crescimento, a satisfação pessoal e a inserção social de todos. É um processo que amplia a participação de todos os estudantes no sistema regular de ensino. Neste sentido cabe à escola reestruturar-se de modo que atenda à necessidade dos alunos.

A educação inclusiva busca perceber e atender as necessidades educacionais especiais de todos os alunos no ensino regular, de forma que eles alcancem a aprendizagem significativa. Para essa concretização faz-se necessário que escola, professores e família trabalhem coletivamente para transformar a educação inclusiva em sociedade inclusiva.

Para Mantoan (2015, p.24) “a meta da inclusão escolar é transformar as escolas, de modo que se tornem espaço de formação e de ensino de qualidade

para todos os alunos”. A educação inclusiva é uma pedagogia que visa promover o desenvolvimento das potencialidades das pessoas com deficiências ou de altas habilidades abrangendo os diferentes níveis de ensino.

O processo deve ser integral e ter por finalidade formar cidadãos críticos e participativos. A educação inclusiva deve-se iniciar no momento que se detecta atraso ou alteração no desenvolvimento global da criança e continuar ao longo de sua vida, valorizando suas habilidades e proporcionando meios para desenvolvê-las.

Os pais dos alunos portadores de necessidades educativas especiais cientes do direito dos filhos a educação inclusiva, garantido por lei, procura inserir seu filho na escola regular, onde ele desenvolverá e ampliará seus conhecimentos no contato com outras pessoas, sentindo-se integrado, a vontade de aprender aumenta e ele descobre novas formas de interagir e participar de todas as atividades com o grupo.

Esse educando adaptando-se a sua nova comunidade, certamente vai descobrir que com a diferença também se aprende. O convívio e a troca de experiências serão essenciais para sua formação pessoal e profissional, pois os conhecimentos construídos na escola e com o meio servirá de suporte para uma carreira bem sucedida.

Tudo isso contribuíra para o seu crescimento perante uma sociedade que ainda discrimina, e diz que portador de deficiência é incapaz de aprender, de conviver socialmente e de se inserir no mercado de trabalho. Chega de preconceito, sem ao menos conhecer a história de vida da pessoa.

No Brasil o atendimento as pessoas com deficiências teve início à época do Império com a criação de duas instituições: O Imperial Instituto dos Meninos Cegos em 1854, atual Instituto Benjamim Constant – IBC e o Instituto Nacional da Educação dos Surdos – INES, AMBOS NO Rio de Janeiro. No início do século XX é criado o Instituto Pestalozzi – 1926, instituição particular especializada no atendimento às pessoas com deficiência mental; em 1954 é fundada a primeira Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais APAE.

Essas ações voltadas ao atendimento de pessoas com deficiências fundamentavam-se na Lei de Diretrizes e Bases Da Educação Nacional nº 4.024/61 que garantia o direito dos “excepcionais” à educação preferencialmente na sala regular. A valorização de possibilidades, capacidades e facilidades é fundamental em um processo de inclusão; porém, deverá ser verdadeira e contrapor as dificuldades para que esta possa ser minimizada ou superada.

2.2 A Inclusão Como Uma Força Para a Renovação Da Escola

Incluir as pessoas com deficiências é de suma importância nas turmas de educação regular eleva a consciência de cada aspecto inter-relacionado da escola como uma comunidade: seus limites, os benefícios a seus membros, seus relacionamentos internos, seus relacionamentos com o ambiente externo e sua

história. Para Feltrin (2004). “Estes alunos sempre foram educados junto com outros semelhantes a eles”. Tanto eles quanto seus professores trabalham de maneiras fundamentalmente diferentes daquelas que foi trabalhada e, o que é muito importante, seus professores têm afiliações diferentes, fontes de recursos diferentes e responsabilidades diferentes das nossas.

A arte de facilitar a adesão à inclusão envolve o trabalho criativo com este estado de elevação da consciência, redirecionando a energia estreitamente relacionada ao medo para a resolução de problemas que promova a reconsideração dos limites, dos relacionamentos, das estruturas e dos benefícios. Quando esse redirecionamento fracassa, os alunos com deficiência permanecem de fora da educação, ou andam a deriva com seus programas de educação individualizada.

As diretrizes administrativas podem impor a inclusão em uma tentativa de mudança estrutural, revertendo, assim, o menos dramático mais potencialmente mais poderoso, processo de geração de mudanças culturais que conduzem a adaptações na estrutura. Dessa forma, aumentam as possibilidades da inclusão unir-se à longa lista de reformas decepcionantes na década de 1990.

Os profissionais ansiosos para refletir sobre a prática recomendada podem simplesmente tornar a rotular suas atividades atuais como inclusivas, em vez de transformar sua prática, e os grupos de interesse rivais podem fazer da inclusão uma bandeira ou uma meta em suas campanhas voltadas para outras questões relacionadas à escola.

Segundo Carvalho: (2004, p. 110) “a escola como instituição educacional é uma unidade social empenhada em concretizar a intencionalidade educativa estabelecida segundo a filosofia de educação adotada”. Portanto a proposta inclusiva é mais abrangente e significativa, pois o deficiente não deve apenas fazer parte, ele tem que interagir e participar do processo ensino aprendizagem. As escolas precisam passar por transformações na sua prática pedagógica, porque alunos ditos “normais” apresentam dificuldades de aprendizagem, sentindo-se excluído mesmo estando presente nas escolas em salas regulares.

Como afirma Souza (2003, p. 24) “é na relação com o meio que o indivíduo de desenvolve, mas a efetivação do desenvolvimento acontece no nível individual, ficando registrado no corpo e no cérebro”. Faz-se necessário entender a forma de pensar e de construir o conhecimento dos deficientes, porque muitas vezes eles são rotulados como “incapazes de aprender”, isto é segregação, por isso a necessidade de um currículo flexível que atenda as diferenças de cada educando incluso.

Para incluir um aluno com características diferenciadas numa turma dita comum, há necessidade de se criarem mecanismos que permitam, com sucesso, que ele se integre educacional, social e emocionalmente com seus colegas e professores e com os objetos do conhecimento e da cultura. Tarefa complexa, sem dúvida, mas necessária e possível. A boa qualidade da escola traduz-se pelo êxito alcançado na aprendizagem e na participação de todos os alunos, sem exclusões.

Carvalho (2004, p. 42) coloca que “a inclusão vem quebrar barreiras cristalizadas em torno de grupos estigmatizados”. A luta por uma sociedade inclusiva é internacional, e o Brasil está engajado nele, pois existe no país cerca de 15 milhões de deficientes segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), onde a maioria ainda aguarda a oportunidade de participar da vida em sociedade. A escola só se tornará num espaço inclusivo, se não tiver medo de arriscar, na busca de rumos inovadores. Como diz Mantoan (2015, p.68) “cabe à escola encontrar respostas educativas para as necessidades de seus alunos”.

Quando a escola atende a diversidade, o processo pedagógico se enriquece, o que propicia uma melhor qualidade na educação para todos: alunos, professores, psicólogo, psicopedagogo, família e comunidade. Os governantes têm que investir cada vez mais na formação continuada do professor de forma mais específica, e que essa formação concorde com as políticas educacional brasileira que prevê a inclusão.

A escola tem, como uma de suas funções, estimular e desenvolver o indivíduo na integralidade do seu ser o ensinar e o aprender constituem-se em processos dinâmicos nos quais a aprendizagem não fica restrita aos espaços físicos das escolas e nem nos alunos, como se fossem atores passivos, receptáculos do que lhes transmite quem ensina. Inúmeras são as funções dessa escola inclusiva.

2.3 A Função da Escola na Perspectiva da Educação Inclusiva

A escola pública ou privada tem por obrigação aceitar todo e qualquer aluno que nela queira ingressar seus estudos, dando preferência aos deficientes de estudarem em uma sala regular, para juntos aprenderem com as diferenças.

Segundo Carvalho (2004, p.110) “a escola como instituição educacional é uma unidade social empenha em concretizar a intencionalidade educativa estabelecida segundo a filosofia de educação adotada”. A proposta inclusiva é mais abrangente e significativa, pois o deficiente não deve apenas fazer parte, ele tem que interagir e participar do processo ensino-aprendizagem.

As escolas precisam passar por transformações na sua prática pedagógica, porque alunos ditos “normais” apresentam dificuldades de aprendizagem, sentindo-se excluído mesmo estando presentes nas escolas em salas regulares. No entanto percebe-se que não basta o deficiente está na escola, à proposta inclusiva vai muito além, ele deve estar integrado diretamente com todos que fazem parte da escola, para que haja uma aprendizagem significativa, e ele sinta-se cidadão crítico e atuante no processo de construção do conhecimento.

A escola deve oferecer condições para que o aluno deficiente ou não ultrapassem todas as barreiras impostas pelo sistema e possa através da interação alcançar a aprendizagem, independente de suas características, psicossociais, culturais, étnicas ou econômicas.

Como afirma Souza (2003, p. 24) “é na relação com o meio que o indivíduo se desenvolve, mas a efetivação do desenvolvimento acontece no nível individual, ficando registrado no corpo e no cérebro”. Faz-se necessário entender a forma de pensar e de construir o conhecimento dos deficientes, porque muitas vezes eles são rotulados como “incapazes de aprender”, isto é segregação, por isso a necessidade de um currículo flexível que atenda as diferenças de cada educando.

Cabe ao educador se auto avaliar, e fazer uma análise da instituição e de suas ações pedagógica, juntamente com todos que fazem parte da escola para refletir e descobrir onde erraram e o que deve ser modificado, para que haja mudanças significativas na aprendizagem dos estudantes. Mesmo que a aprendizagem não ocorra exclusivamente na escola, agora é a escola que confere mais significado e importância ao que o aluno precisa desenvolver.

Os alunos deficientes não devem ser tratados como atores passivos, só recebendo informações de seus educadores, portanto os mesmos devem interagir sempre, para construir novos conhecimentos. O corpo docente deve elaborar seu planejamento com uma intenção, atender as particularidades dos educandos.

Faz-se necessário refletir sobre os objetivos que se quer almejar com cada planejamento, pois planejamento requer motivação, estímulo e compromisso com o coletivo, portanto é necessário um olhar crítico para atingir os objetivos dos educandos deficientes ou não. Numa sociedade baseada na igualdade de direitos e deveres de seus cidadãos, muitas vezes os portadores são excluídos dessa sociedade, por causa da discriminação, simplesmente pelo fato de ser diferente.

Uma das condições de funcionamento da escola é o professor, embora que a própria instituição escolar terá de buscar novos posicionamentos diante do processo de ensino aprendizagem, orientada por concepções e práticas pedagógicas que atendem a diversidade humana. “O princípio democrático de educação para todos só se evidencia nos sistemas educacionais em todos os alunos e não apenas em um deles”. (MANTOAN 2017, p.120).

É preciso que haja uma grande reestruturação na formação dos professores e, que esta sirva de instrumentos para que sejam capazes de receber e identificar os estudantes portadores de necessidades educacionais especiais. Sendo capaz de desenvolver a capacidade de aprender de cada criança, partindo de sua realidade, e que os educadores tenham uma maior flexibilidade e pensamento crítico a respeito de sua prática educativa, e que essa prática seja voltada para o desenvolvimento sociocultural de seus alunos.

Com o movimento pela inclusão, o professor precisa ser capaz de conviver com as diferenças, superando preconceitos e adaptando-se sempre as novas situações que vão surgindo no cotidiano em sua sala de aula.

As escolas comuns devem servir de modelo para a inclusão dos alunos portadores de necessidades educativas especiais, e a participação da família é primordial, para que no futuro há uma sociedade inclusiva e justa. O ideal na busca

pela construção da diversidade na escola inclusiva é incorporar em seus projetos políticos o potencial, a criatividade e a cultura de cada aluno. Ao incorporar essas diferenças, o educador aprende e cresce beneficiando-se da diversidade para criar uma escola flexível, aberta e criativa.

Esse é um desafio constante e requer muita paciência dos educadores, pois trabalhar com a heterogeneidade não é fácil, mas cabe à escola propiciar uma educação onde o aluno participe e consiga estar preparado para as mudanças culturais e sociais, sendo capaz de exercer sua autonomia, construir sua emancipação individual e coletiva, possibilitando-se transformar no futuro em um sujeito transformador.

A proposta inclusiva ainda é frágil, pois contradiz a realidade, muitos dos educadores deparam com a superlotação das salas, instalações físicas insuficientes e o corpo docente despreparado para trabalhar com a inclusão o psicopedagogo auxilia a escola a encontrar saídas metodológicas e avaliativas não exclusivas e conhece o real potencial da criança a ser incluída e as possibilidades que o meio possui para estimular este potencial.

3 | METODOLOGIA

O presente artigo fundamenta-se na pesquisa qualitativa com utilização de uma pesquisa bibliográfica utilizando recursos para a efetivação da pesquisa, para tratar questões que definiram na reflexão da inclusão. O critério de análise dessa investigação cabe ressaltar que este artigo contempla de fonte de pesquisa, a revisão bibliográfica.

Verificando dentre as referências encontradas, aquelas que abordassem temas referentes aos objetivos desse estudo e apresentassem subsídios para maior ponderação sobre os aspectos desenvolvidos, com relação a uma nova concepção sobre a inclusão e suas estratégias de maneira reflexiva e significativa aos alunos no contexto escolar.

Para uma análise maior sobre a reflexão dos problemas em sala de aula foram selecionados estudos de Mantoan (2015), Carvalho (2004) e Souza (2003) que relacionam aspecto fundamental da aprendizagem inclusiva fortalecendo uma nova abordagem significativa sobre o processo de inclusão nos anos iniciais do ensino fundamental, ressaltando os desafios das escolas.

4 | CONCLUSÃO

De acordo com este artigo, verifica-se que os professores necessitam de reflexões no que se refere à educação inclusiva, a revisão da prática pedagógica inserindo na escola de ensino regular as crianças com deficiências, não consiste

somente na permanência física desses alunos, mas o propósito de rever concepções e paradigmas, respeitando e valorizando a diversidade desses alunos, exigindo assim que a escola defina a responsabilidade criando espaço inclusivo.

O processo de inclusão dos alunos com qualquer tipo de deficiência, transtorno ou com altas habilidades em escolas no ensino regular já é realidade, embora permaneça lenta dificultando o acesso a que se propõe que seria ter todos os alunos com deficiência na escola. Isso ocorre devido às falhas no sistema educacional brasileiro. Alguns fatores impedem o sucesso do processo inclusivo, é ela a inadequação dos métodos curriculares do ensino regular, as superlotações das salas, em que o aluno com deficiência está inserido.

No estudo sobre as práticas pedagógicas quanto ao processo de inclusão no ensino regular, onde as escolas inclusivas devem reconhecer e responder às diversas dificuldades de seus alunos, acomodando as pessoas com deficiências com respeito, dignidade nos seus ritmos de aprendizagem e assegurando uma educação de qualidade para todos mediante currículos apropriados, modificações organizacionais, estratégias de ensino, recursos e parcerias com suas comunidades.

O insucesso do aluno com deficiência deve-se a falta de apoio dos pais, e o preconceito das outras crianças ditas “normais”. Uma verdadeira educação não se faz com iniciativas isoladas, mas com respeito às diferenças individuais e, principalmente, as necessidades especiais. Sendo assim a escola precisa ser reestruturado como escola integradora, o professor precisa está capacitado e preparado para acompanhar o aluno inserido na classe regular, os métodos devem ser revistos e os currículos flexíveis.

A complexidade que envolve a identidade pessoal e social deve-se as situações de inclusão do ser humano enquanto ser que pensa e age. Com a globalização da economia, valores e culturas, que fortalece em favor da inclusão e eliminar as situações de exclusão. A sociedade deve ser transformada de modo que a solidariedade, cooperação e o respeito às diferenças, conduza-se a conviver e acolher a diversidade humana. Sabe-se que esta distante da inclusão escolar almejada, mas certamente os educadores comprometidos com a educação reflexiva caminham nessa direção. A escola deve oferecer ao aluno condição para ocupar o mundo como cidadão e exercer o exercício pleno da cidadania. A sociedade em evolução precisa proporcionar a suas habitantes condições necessárias para uma vida digna.

Uma escola inclusiva é que promove a interação dos aprendizes e os fazem sentirem-se felizes e pertencentes a um grupo os alunos falam, movimentam-se, questionam, trazem a vida para dentro da escola. E os professores transformam o processo ensino-aprendizagem numa construção de conhecimentos coletivo e agradável. Todo esse movimento contribui para a melhoria da qualidade da resposta educativa das escolas inclusivas.

REFERÊNCIAS

BRASIL, **Congresso Nacional. Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei 9.394)**. Brasília, Centro Gráfico, 1996.

CARVALHO, Rosita Edler. Educação Inclusiva: **Com os Pingos nos “is”**. Porto Alegre: Mediação, 2004, p. 43-161.

EDUCAÇÃO INCLUSIVA. **Atendimento Educacional Especializado para Deficiência**. Ministério da Educação/Secretaria de Educação Especial: MEC/SEEP, 2005.

FELTRIN, Antônio Efro. **Inclusão Social na Escola: Quando a Pedagogia se Encontra com a Diferença**. São Paulo: Paulinas, 2004.

MANTOAN, Maria Teresa Eglêr. **Inclusão Escolar: O que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Ed. Summus, 2015.

MANTOAN, Maria Teresa Eglêr. **O Re-Inventar da Inclusão**. Editora: Vozes, ed.1, 2017.

SOUZA, Amaralina Miranda de. A informática educativa aplicada à Educação Especial: o software educativo “Hercules e Jiló”. **Linhas Críticas**, Brasília, v.9, n. 17, jul./dez. 2003.

SOBRE A ORGANIZADORA

MICHÉLLE BARRETO JUSTUS Mestre em educação pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) em 2015, especialista em Gestão Escolar pelo Instituto Tecnológico de Desenvolvimento Educacional (ITDE) em 2009, pedagoga graduada pela UEPG em 2002 e graduada em Psicologia pela Faculdade Sant’Anna (IESSA) em 2010. Autora do livro “Formação de Professores em Semanas Pedagógicas: A formação continuada entre duas lógicas”. Atua como pedagoga na rede estadual de ensino.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Altas habilidades 39, 69, 70, 71, 72, 74, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 135, 136, 146, 151, 154, 155, 207

Autismo 1, 3, 14, 16, 17, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 37, 38, 40, 41

B

Biblioteca inclusiva 61, 62, 63, 64, 66, 67, 113, 116

Biscuit 93, 94, 95, 97

C

Crianças autistas 14, 16, 21, 24, 29, 31, 38

Cultura Popular 1, 4, 5, 7, 8, 12

D

Deficiência visual 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 114, 115, 116, 117, 120, 121, 166, 175

Deficientes auditivos 61, 62

Democratização 143, 144

Desenvolvimento Infantil 1, 23

Design 163, 164, 165, 166, 167, 168, 170, 171, 174, 175, 209

Design Universal para a Aprendizagem 163, 164, 165, 166, 167

Dinâmica pedagógica 163

E

Educação básica 12, 22, 26, 32, 47, 57, 127, 134, 137, 155, 174, 188, 215

Educação de Surdos 42, 44, 49, 53, 58, 59, 60, 129, 132, 176, 177, 179, 180, 182, 185, 187, 188, 199, 205, 206

Educação Especial 1, 12, 16, 19, 20, 21, 26, 30, 31, 33, 36, 41, 42, 44, 51, 52, 62, 74, 78, 79, 80, 81, 83, 84, 90, 92, 93, 94, 109, 110, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 152, 155, 156, 162, 169, 174, 188, 200, 206, 217, 218, 221, 227, 228, 235

Educação Inclusiva 1, 4, 12, 13, 15, 18, 20, 21, 24, 32, 34, 35, 39, 40, 41, 43, 44, 51, 57, 62, 70, 75, 78, 80, 83, 90, 92, 94, 113, 124, 125, 126, 127, 131, 135, 136, 138, 143, 144, 145, 146, 148, 150, 152, 153, 154, 156, 161, 162, 163, 164, 168, 169, 171, 174, 175, 203, 205, 206, 207, 216, 217, 221, 222, 227, 228, 229, 231, 232, 235

Educação Infantil 21, 25, 51, 52, 54, 79, 106, 108, 124, 125, 126, 127, 129, 130, 131, 132, 134, 135, 136, 137, 138, 141

Ensino 1, 4, 5, 11, 12, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 29, 30, 33, 34, 35,

36, 37, 38, 39, 40, 41, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 54, 55, 57, 58, 59, 75, 76, 78, 79, 80, 81, 82, 84, 87, 88, 89, 90, 91, 93, 94, 95, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 113, 114, 115, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 153, 154, 155, 156, 157, 159, 161, 163, 164, 165, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 200, 201, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 224, 225, 227, 228, 229, 231, 232, 234, 235, 236

Ensino alternativo 93

Ensino-Aprendizagem de Inglês como LE 176

Ensino de línguas 182, 187, 188, 190

Estratégias de Ensino 16, 151, 176, 178, 179, 187, 194

H

Habilidades intelectuais 14, 16

História 5, 8, 9, 10, 11, 12, 28, 29, 53, 54, 56, 59, 60, 74, 82, 113, 114, 115, 124, 125, 126, 132, 146, 147, 161, 162, 178, 195, 196, 200, 201, 220, 222

I

Inclusão escolar 12, 14, 16, 22, 32, 33, 39, 60, 70, 75, 123, 125, 126, 129, 131, 135, 136, 137, 141, 142, 144, 145, 151, 155, 157, 162, 189, 200, 201, 203, 218, 235

Inclusão social 54, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 118, 128, 153, 186, 198

L

Letramento de surdos 190, 193

LIBRAS 52, 53, 54, 56, 57, 58, 59, 64, 65, 66, 67, 119, 124, 125, 126, 129, 132, 183, 187, 188, 190, 192, 193, 217, 218

M

Material Didático 95, 96, 97, 98, 102, 176, 185, 187

N

Norbert Elias 42, 43, 45

P

Prática docente 17, 32, 34, 35, 40, 78

Produção de materiais 93, 98

Professor especializado 14, 16, 21, 156

Psicologia Educacional 1

Psicólogo Escolar Educacional 69, 70

R

Relato de Experiência 3, 11, 99, 134, 220, 222, 223, 225

S

Sociedade 2, 5, 6, 12, 17, 19, 24, 28, 29, 31, 32, 33, 34, 36, 39, 40, 41, 42, 45, 46, 53, 54, 55, 57, 59, 62, 63, 65, 68, 72, 74, 82, 83, 88, 94, 112, 113, 114, 118, 123, 124, 125, 126, 128, 131, 136, 144, 145, 146, 148, 149, 151, 156, 161, 162, 164, 171, 172, 187, 190, 192, 193, 198, 199, 207, 215, 221, 227, 228

Soroban 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110

Superdotação 69, 70, 71, 72, 74, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 135, 136

Surdos 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 63, 64, 65, 67, 124, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 146, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218

T

Trabalho Colaborativo 134, 136, 139, 231, 233, 234, 235

Tradutor Intérprete de Libras 42

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-724-6



9 788572 477246